

POEMAS DE HAROLDO DE CAMPOS

KLIMT: TENTATIVA DE PINTURA (com modelo ausente)

1. lourovioleta: um monstro uma
 figura em ouro cin
 zelada das unhas à raiz (crin
 a) metalizada dos cabelos pedi
 curada em roxo um traço bis
 (e não bistre) um risco de li
 lãs as pálpebras dobradas
 como mariposas (como mari
 posas) sim pedicurada em roxo
 e as pontiagudas unhas só li
 lãs da mesma cor do pij
 ama uma figura um monstro
 sim (quimono): klimt.

2. e sob isto tudo como sob
 uma panóplia (armada) um pavilhão
 de pedraria (um baldaquino) dra
 pejantes panos (um azul turquino)
 (caravelas ao largo) bandeiras de um
 (impossível) impromptu ultra
 (biombo grand'aberto gonfalon panóplia)
 violeta
 o corpo (a ci
 catriz li
 lãs)
 o branco albino se diria
 o corpo um cor
 po de me
 nina

HPR/86

POEMAS DE HAROLDO DE CAMPOS

KLIMT: TENTATIVA DE PINTURA
(con modelo ausente)

1. lourovioleta: un monstruo una
 figura en oro cin
 celada de las uñas a la raíz (cri
 n) metalizada de los cabellos pedi
 curada en rojo un trazo bis
 (y no bistre) un arañazo de li
 las los párpados doblados
 como mariposas (como mari
 posas) sin pedicura en rojo
 y las puntiagudas uñas sólo li
 las del mismo color del pij
 ama una figura un monstruo
 sin (quimono): klimt.

2. y bajo esto todo como bajo
 una panoplia (armada) un pabellón
 de pedrería (un baldaquín) dra
 peados paños (un azul turquino)
 (carabelas a lo largo) banderas de un
 (imposible) impromptu ultra
 (biombo grand'abierto gonfalón panoplia)
 violeta
 el cuerpo (la ci
 catriz li
 las)
 el blanco albino se diría
 el cuerpo un cuer
 po de mi
 niña

HPR/87

NEOBARROSO: IN MEMORIAM

“hay
cadáveres”¹⁰ — canta néstor
perlongher e está
morrendo e canta
“hay...” seu canto de
pérolas-berruecas alambres bo-
quitas repintadas restos de unhas
lúnulas — canta — ostras desventradas um
olor de magnólias e esta espi-
ra amarelo-marijuana novelando pensões
baratas e transas de michê (está
morrendo e canta) “hay...”
(madres-de-mayo heroínas-car-
pideiras vazadas em prata negra
lutoso argento rioplatense plangem)
“... cadáveres” e está
morrendo e canta
néstor agora em go-
zoso portunhol neste bar paulistano
que desafoga a noite-lombo-de-fera
úmido-espessa de um calor serôdio e on-
de (o sacro daime é uma — já então — un-
ção quase extrema) canta
seu ramerrão (amaríssimo) portenho: “hay
(e está morrendo) cadáveres”

HPR/88

NEOBARROSO: IN MEMORIAM

“hay
cadáveres”¹⁰ — canta néstor
perlongher y está
muriendo y canta
“hay...” su canto de
perlas-berruecas alambres bo-
quitas repintadas restos de uñas
lúnulas — canta — ostras desventradas un
olor de magnolias y ésta respira
amarillo-marijuana novelando pensiones
baratas y polvos tirados (está
muriendo y canta) “hay...”
(madres-de-mayo heroínas-pla-
ñideras vaciadas en plata negra
lutoso argento rioplatense plañen)
“... cadáveres” y está
muriendo y canta
néstor ahora en go-
zoso portuñol en este bar paulistano
que desahoga la noche-lomo-de-fiera
húmedo-espesa de un calor tardío y don-
de (el sacro daime es una — ya entonces — un-
ción casi extrema) canta
su sonsonete (amarguísimo) porteño: “hay
(y está muriendo) cadáveres”

HPR/89

POLIFEMO CONTEMPLA GALATÉIA

o ouro se encorpa :

coxa bruna
flexuoso encurvar-se de um joelho
de brunido metal dulcificado

o ouro chove :

em pó pelos cabelos
por brilhos dispersivos enturvando-se
de seu castanho-louro pôr-de-sol

a outra : a gruta insinuada
que um tecido — seda breve — esconde
e sob crespo toirão ensolarado
mais se oculta — a gruta onde a sereia
essa — a coralina boca dragonária —
quem a pudera escrever?

cerrada em sua legenda áurea
 intacta guarda-se
 e defere o decifrá-la
 ao lanceolado desejo
 (que no inócuo papel a pena agora apenas
 extrema e silencia)

HPR/90

POLIFEMO CONTEMPLA A GALATEA

el oro se incorpora :

muslo bruno
flexuoso encorvarse de una juntura
de brunido metal dulcificado

el oro llueve :

en polvo por los cabellos
por brillos dispersivos enturbiándose
de su castaño-áurea puesta-de-sol

la otra: la gruta insinuada
que un tejido — seda breve — esconde
y bajo crespó vellón asoleado
 más se oculta — la gruta donde la sirena
esa — la coralina boca de dragón —
¿quién la pudiera escribir?

 cerrada en su leyenda áurea
 intacta se queda
 y concede él la descifra
al lanceolado deseo
 (que en el inocuo papel la pena ahora apenas
aparta y silencia)

HPR/91

GALÁXIAS
(fragmento)

isto não é um livro de viagem pois a viagem não é um livro de viagem
pois um livro é viagem quando muito advirto é um baedeker de epifanias
quando pouco solerto é uma epifania em baedeker pois zimbórios de ouro
duma ortodoxa igreja russobizantina encravada em genebra na descida da
route de malagnout demandando o centro da cidade através entrevista
visão da cidadevelha e canais se pode casar porquenão com os leões
chineses que alguém que padrefrade viajor de volta de que viagem
peregrinação a orientes missões ensinou a esculpir na entrada esplanada
do convento de são francisco paraíba do norte na entrada empedrada
refluindo de oito bocas de portaspostais em contidos logo espriados
degraus estendais de pedra e joão pessoa sob a chuva de verão não era
uma ilha de gauguin morenando nos longes paz paraísea num jambo de
sedas e cabelos ao vento pluma plúmea no verão bochorno e sentado num
café em genève miss stromboli entreteneuse entertainer morta no
apartamento ninguém sabendo como miss stromboli nom de guerre por
causa do seu miriadamente temperamento um vulcão nos gelos suíços e
um cachorro ao relento um peludo cachorrinho de pompom escorrido de
chuva naquele dia em genève abrindo genf manchetes nos jornais miss
stromboli explodindo como um geyser dos cabelos ruivos
estrangulamento porcerto e a esfaqueada pequena pobre prostituta
paraibana de morenos pentefinos pentelhos sem nom de guerre sangrando
na morte cheirando urina nenhum cachorro ao relento nenhum refinado
racé cocker-spaniel champanha ou pedigree prendado caniche gris
chorando na chuva pois o zimbório de ouro da igreja ortodoxa de genève
brilhava bolas de ouro contra o sol e a igreja barroca de joão pessoa
estacava no seu lago de lágeas flanqueada de dragões chineses na
chuvassol do verão nada de novo no mundo sob o solchuva o semelhante
semelhando no dissemelhante um baedeker de visagens sabem você
aceita um palette die weitaus beliebste farbige filter-cigarette the
exquisite taste of the finest tobaccos ses couleurs attrayantes et l'élégance
de sa

HPR/92

présentation piacciono a tutti in tutto il mondo signorina stromboli ou a pequena prostituta paraibana abrindo manchetes nos jornais de genève como o sangue golfado da garganta aberta num cubículo cheirando urina e esta é aquela ou aquela é esta enquanto o vento cresta quando um cisne morre no zürichsee é notícia nos jornais de zurique porque nada acontece nada nos anosdias dos dias de semanas-vidafamilia e apartamento garçonnière sua loura alugada como um talão de cheques os chefetes de indústria os chefes de indústria os chefões de indústria um vulcão como seria enquanto o garçon comenta com a patronne as notícias do dia e alguém escreve cartas num café de genebra tomando genebra e contando outras mortes e computando outras sortes enquanto a polícia die polizei investiga les flics investigam pontas fumadas de palette the supreme artistry of the attractive presentation mlle. stromboli no estojoapartamento de luxe para ócios noturnos de corado-gordos paisdapátria pupeta estrangulada sem saber como saber quem saberia que sua sorte sua morte seu porte minúsculo vulcão de matéria narrada

HPR/93

GALAXIAS
(fragmento)

esto no es un libro de viaje pues el viaje no es un libro de viaje pues un libro es viaje cuando mucho advierto es un baedeker de epifanías cuando poco acierto es una epifanía en baedeker pues cimborios de oro de una ortodoxa iglesia rusobizantina enclavada en ginebra en la bajada de la ruta de malagnout demandando el centro de la ciudad através entrevista visión de la ciudadela y canales se puede casar porque no con los leones chinos que alguien que padrefraile viajero de vuelta de que viaje peregrinaje a orientes misiones y enseñó a esculpir en la entrada esplanada del convento de san francisco paraíba del norte en la entrada empedrada refluindo de ocho bocas de portaspostales en contenidas luego explayadas gradas extendidas de piedra y juan persona bajo la lluvia de verano no era una isla de gauguin morenando en las tumbonas paz paradisíaca en un yambo de sedas y cabellos al viento pluma plúmea en el verano bochorno y sentado en un café en ginebra miss stromboli entreteñuse entertainer muerta en al apartamento nadie sabiendo cómo miss stromboli nom de guerre por su miriadamente temperamento un volcán en los hielos suizos y un cachorro al relente un peludo cachorrillo de pompón escurrido de lluvia en aquel día en ginebra abriendo genf manchetes en los periódicos miss stromboli explotando como un geyser de los cabellos rubios estrangulación por cierto y la apuñalada pequeña pobre prostituta paraibana de morenos peinillas pendejos sin nom de guerre sangrando en la muerte husmeando orina ningún cachorro al relente ningún refinado racé cocker-spaniel champaña o pedigree prendado caniche gris llorando en la lluvia pues el cimborio de oro de la iglesia ortodoxa de ginebra brillaba bolas de oro contra el sol y la iglesia barroca de juan persona estacaba en su lago de lágeas flanqueada de dragones chinos en la lluviasol del verano nada de nuevo en el mundo bajo el sollluvia el semejante semejando en la desemejanza un baedeker de visajes saben usted acepta un palette die weitaus beliebste farbige filter-cigarette the exquisite taste of the finest tobaccos ses couleurs attrayantes et l'élégance de sa présentation piacciono a tutti in tutto il mondo signorina stromboli o

HPR/94

la pequeña prostituta paraibana abriendo titulares en los periódicos de ginebra como la sangre engolfada de la garganta abierta en un cubículo husmeando orina y ésta es aquella o aquélla es ésta en cuanto el viento abrasa cuando un cisne muere en el zürichsee es noticia en los periódicos de zurich porque nada acontece nada en los añosdías de los días de semanas-vidafamilia y apartamento garçonnière su rubia arrendada como un talón de cheques los jefetes de industria los jefes de industria los jefatones de industria o volcán como sería en cuanto el mesero comenta con la patronne las noticias del día y alguien escribe cartas en un café de ginebra tomando ginebra y contando otras muertes y computando otras suertes mientras la policía die polizei investiga les flics investigan puntas fumadas de palette the supreme artistry of the attractive presentation mlle. stromboli en el estuche apartamento de luxe para ocios nocturnos de colorado-gordos paísdepatria títere estrangulada sin saber cómo saber quién sabría que su suerte su muerte su porte minúsculo volcán de materia narrada

HPR/95

LENDO A ILÍADA, 6

Criseida	belas maçãs-do-rosto
Briseida	maçãs-do-rosto-belas

Uma e outra

uma ou outra

de olhos rútilos esta ou

aquela utensílio (Criseida)

do leito de Agammêmnon

commodity (Briseida)

da tenda esplêndida de Aquiles

como novilhas ou parelhas

eqüinas ouro bronze ou o

precioso metal sidéreo o bem –

- lavrado ferro

parcelas indiferentes do butim

(reversíveis)

Criseida a urdir a lã nos teares

do paço ou a desnudar-se

no tálamo do Rei (mais desejável

mais jovem do que a rainha

Clitemnestra

— a qual no entanto o

aziago Egisto...)

HPR/96

Briseida conforto em tez e talhe
para as noitadas de Aquiles
nas alfombras púrpuro-sedosas
do pavilhão onde o herói
(ao lado Pátroclo o dileto
a se entreter com a cativa
de redondas coxas que o amigo lhe
dera dom macio) dormia

O furor — a mênis
vermelho-fúria — a ira que irá
corroendo o Peleide de armas ímpares
e dédalo escudo labirinto-ornado
inspirou-a a gana de Agammêmnon
odioso rei dos Dânaos
ávido de espólios
que Zeus comedidor ungira
e que o despojava agora
prepotente
da linda cintura submissa
de Briseida fâmula de cama
e vaso de ungüentos perfumosos
Mas quando o herói coração-
Flâmeo tange a lira cravejada
de prata e canta façanhas guerreiras

HPR/97

à popa de sua nau bicôncava
é Pátroclo quem dileto
ao pé dele o escuta

HPR/98

LEYENDO *LA ILÍADA*, 6

Criseida bellas
manzanas-del-rostro

Briseida manzanas-del-rostro-bellas

Una y otra
una u otra
de ojos rútilos ésta o
aquella utensilio (Criseida)
del lecho de Agamenón
commodity (Briseida)

de la tienda espléndida de Aquiles
como novillas o parejas
equinas oro bronce o el
precioso metal sidéreo y bien –
- labrado hierro
parcelas indiferentes del botín
(reversibles)

Criseida a urdir la lana en los telares
del palacio o a desnudarse
en el tálamo del Rey (más deseable
más joven de lo que la reina
Clitemnestra
— la cual sin embargo el

HPR/99

aciago Egisto...)

Briseida conforte en tez y talle
para las vigiliass de Aquiles
en las alfombras purpúreo-sedosas
del pabellón donde el héroe
(al lado Patroclo el dilecto
a entretenerse con la cautiva
de redondos muslos que el amigo le
diera don suave) dormía

El furor — la ira
bermejo-furia — la ira que irá
corroyendo al Pelida de armas impares
y dédalo escudo laberinto-ornado
inspiró la gana de Agamenón
odioso rey de los Danaos
ávido de despojos
que Zeus comendador había untado
y que lo despojaba ahora
prepotente
de la linda cintura submisa
de Briseida fámula de cama
y vaso de ungüentos perfumados
Mas cuando el héroe corazón-
Flámeo tañe la lira incrustada

HPR/100

de plata y canta hazañas guerreras
a la popa de su nave bicóncava
es Patroclo quien dilecto
al pie de él lo escucha

HPR/101

A MORTE
VESTIDA
DE
VERDE-JADE

a morte
a morte vestida
a morte vestida de verde-jade

ay! mi hijito!

a morte

perucas em fogo
ruivo-incendiadas
roxo-combustas
verdes
vários tons de verde
as árvores as
copas das
explodem do
chão belas
cabeças de cogumelos
umbelas esfogueando
caprichosamente desgrehnadas pelo
pente exímio de um
coiffeure de dames

esta dríade
colou seus pelos
púbicos na
fachada estilo new-
england daquele
cottage
e os lúbricos

HPR/102

pentelhos vermelhos de
deusa drag-
queen scapigliata
agarram-se na fachada
emasculada
sóbria -imáculo branco
puritano- feito uma
vulva den-
ticulada

aranha-rainha
piranha carangue-
jeira aliás
viúva-ruiva
levando o branco pu-
ro a uma pri-
ápica sú-
bita e-
reção de cal

havia um pick-up
vermelho-novinho
estacado na entrada ar-
borizada
peeping
mais
nada nin-
guém

jaz sincopando no
rádio da limusine preta
impecável motorista preto
vestido (impecável) de preto
a rodovia lisa de
new haven para nova iorque

HPR/103

(aeroporto john kennedy)

sem febre
(ou quase) sem
calafrios
sem aquela solta
via urinária de
mijo uma garr-
afa plástica de mineral water
pescoço cortado for-
rado de esparadrapo e papel
higiênico servindo de pe-
nico portátil
a cada mei
hora rançosa
de suor e u-
réa com-
pulsiva

voltar
sol frio nas narinas
aroma frio de sol nas
narinas
enquanto as ninfas
puritanas nin-
fômanas bacantes
desrepresas chu-
pavam as
paredes machas de
repente tesas ar-
rancadas de seu pio
torpor emasculado
os olhos engoliam o carretel
acelerado da paisagem
com un gozo de boca

HPR/104

desentubada e

paz
paz
paz

na boca
do estômago
nas mãos picadas
de agulha
nos braços-
-equimoses

paz
na língua mara-
gosa na garganta nas
cavidades nos baixos
nas tripas
nas dobras
no ânus no
cós

paz: salto
(ex) mortal práfora
desse bad-trip em
útero u.t.i.
paz gostosa
bunda mansa
quente elástica
estourando do bi-
quininho na areia
/e te servindo de ensolarado
coxim ah!
bundibela
paz!

HPR/105

longe longe
correndo prá longe
do túnel verde-mijo da u.
t.
i.
olhos engolindo in(land)scapes pelo
vidrio da li-
musine (intrapaisagens)
carretilha fluente de cartões
postais

a morte
a morte vestida
a morte vestida de verde-mijo
já se
fora já
estava longe
voara no seu robe de cloro
para outro
lugar feito uma
idéia fora do
seu práfora
do seu
lugar

- merde
alors! -
atroz

agora subia o
calor
o a-
petite come-
çava a ronronar

HPR/106

o pulmão bebia
o pneuma por todos os
(ar!) poros:

ela:

(não a tessaliana não
a quérea a moura-verde-
cloro) **ela:** a sua
beleza amantíssima
o seu toque de graça
plena o seu
rosto de radioso mar-
more vertido em calor
aveludado (vенеza
faísca na memória!) as
suas mãos de longunhas
achinesadas
tão (mãos) longas tão
(mãos) macias (tanto
tanto tempo) a sua
testa curvi-
línea domo
de seda
o seu nariz de
finíssima talhia
os olhos ah! os olhos
jóias misteriosas
(tanto tempo e o
passado não passa
o passado não pas-
só o presente per-
vivente este presente-
-aquiagora maçã-
redonda plena
lastro-ouro das

HPR/107

laranjas quando)
ela está
assim
sentada
(a limusine quase
chegando) e seu
corpo destapa um
frasco de perfume: **ela**
(sua capitosa presença)
ao meu lado

HPR/108

LA MUERTE
VESTIDA
DE
VERDE-JADE

la muerte
la muerte vestida
la muerte vestida de verde-jade

ay! mi hijito!

la muerte

pelucas en fuego
rojizo-incendiadas
rojo-combustas
verdes
varios tonos de verde
los árboles las
copas de los cuales
explotan del
llano bellas
cabezas de setas
sombrillas esfogando
caprichosamente desgredadas por el
peine eximio de un
coiffeure de damas

esta dríade
recogió sus pelos
púbicos en la
fachada estilo new-
england de aquel
cottage
y los lúbricos

HPR/109

pendejos bermejos de
diosa drag-
queen scapigliata
se agarran en la fachada
emasculada
sobria -inmaculado blanco
puritano- hecho una
vulva den-
ticulada

araña-reina
piraña casam-
pulga alias
viuda-rojiza
llevando el blanco pu-
ro a una pri-
ápica sú-
bita e-
rección de cal

había un pick-up
bermejo-nuevecillo
estacionado en la entrada ar-
boleada
peeping
mas
nada na-
die

jazz sincopando en la
radio de la limusina negra
impecable motorista negro
vestido (impecable) de negro
la autopista lisa de
new haven para nueva york

HPR/110

(aeropuerto john kennedy)

sin fiebre
(o casi) sin
escalofríos
sin aquella suelta
vía urinaria de
meada una garr-
afa plástica de mineral water
pescuezo cortado for-
rado de esparadrapo y papel
higiénico sirviendo de o-
rinal portátil
a cada media
hora rancio
de sudor y u-
rea com-
pulsiva

volver
sol frío en las narices
aroma frío de sol en las
narices
mientras las ninfas
puritanas nin-
fómanas bacantes
desprendidas chu-
paban las
paredes machas de
repente tiesas ar-
rancadas de su pio
entumecimiento emasculado
los ojos engullen el carrete
acelerado del paisaje
con un goce de boca

HPR/111

desentubada y

paz
paz
paz

en la boca
del estómago
en las manos picadas
de aguja
en los brazos-
- moretones

paz
en la lengua arci-
llosa en la garganta en las
cavidades en los bajos
en las tripas
en las dobleces
en el ano en la
cintura

paz: salto
(ex) mortal parafuera
de ese bad-trip en
útero u.t.i.
paz gustosa
trasero manso
caliente elástico
estallando del bi-
kini en la arena
/y sirviéndote de soleada
cojín ah!
traserabella
paz!

HPR/112

lejos lejos
corriendo hacia lejos
del túnel verde-meada de la u.
t.
i.
ojos engulliendo in(land)scapes por el
vidrio de la li-
musina (intrapaisajes)
carrete fluyente de tarjetas
postales

la muerte
la muerte vestida
la muerte vestida de verde-meada
ya se
había ido ya
estaba lejos
había volado en su ropón de cloro
para otro
lugar hecho una
idea fuera de
su parafuera
de su
lugar

- merde
alors! -
atroz

ahora subía el
calor
o la-
petite comen-
zaba a ronronear

HPR/113

el pulmón bebía
el pneuma por todos los
(ar!) poros:

ella:

(no la tesaliana no
la quíerela la mora-verde-
cloro) **ella:** su
belleza amadísim
su toque de gracia
plena su
rostro de radioso már-
mol vertido en calor
terciopelado (venecia
chispa en la memoria!) las
manos de larguñas
achinadas
tan (manos) largas tan
(manos) macias (tanto
tanto tiempo) su
frente curvi-
línea domo
de seda
su nariz de
finísima talla
los ojos ah! los ojos
joyas misteriosas
(tanto tiempo y el
pasado no pasa
el pasado no pas-
só el presente per-
viviente este presente-
-aquíahora manzana-
redonda plena
lastre-oro de las

HPR/114

naranjas cuando)
ella está
así
sentada
(la limusina casi
llegando) y su
cuerpo destapa un
frasco de perfume: **ella**
(su caprichosa presencia)
al lado mío

Traducciones de Richard K. Curry